



AC LUKAMBA

**CORES DA
IMORTALIDADE**

TÍTULO

CORES DA IMORTALIDADE

Copyright © 2023 AC Lukamba

Gênero

Conto; Fantasia; afrofuturismo

**PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR
QUAIS QUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO POR
ESCRITO DOS EDITORES E DO AUTOR, SALVO
EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA
FONTE.**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Edição de e-book

AC Lukamba

Projecto gráfico e Diagramação

AC Lukamba

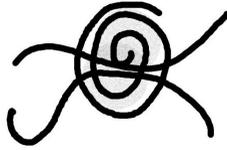
Catálogo editorial

ISBN: 9789893349786



Sinopse:

Um casal tribal que possui dons de reencarnação, acaba por ter que lidar com um problema nunca antes presenciado em suas diversas vidas; após serem emboscados por uma tribo rival, uma reencarnação que correu mal parece ser o seu maior desafio. Agora aquilo que os uniu por tanto tempo ameaça ser o mesmo que vai separa-los para sempre.



"Recomeços"

Algo de errado aconteceu durante a última morte. A nossa tribo viajava pelo deserto do Namibe quando outro grupo apareceu. Eles nos cercaram com motas e levantaram uma cortina de poeira sobre a areia vermelha. Eram *kukanos*, grupos heterogêneos demais para possuírem uma própria tribo ou partilharem coisas em comum além da incessante necessidade humana por destruição. Kalei tocou a minha mão e puxou-me para seu peito. Lembro de ouvir o seu coração retumbar, alto, desgovernado, mas estranhamente familiar. Aquele corpo tinha uma doença que afetava o seu coração, ninguém sabia além dele e de mim. Ninguém sabia sobre nós. Olhei além e vi corpos começarem a ser desfeitos. Vizei, o meu bisneto de outra altura, o mesmo que eu havia pintado o rosto de manhã cedo, teve o seu peito perfurado por uma rajada de balas. Lembro de ter gritado. Lembro de ter

amaldiçoado aqueles homens monstruosos. Não éramos uma ameaça para ninguém, não éramos guerreiros, nem antigos escravos fugindo, não tínhamos inimigos, sequer tínhamos uma terra para reclamar. Era injusto que isso estivesse a acontecer.

Lembro que Kalei me jogou para perto da minha filha e correu para ajudar os outros. Eu puxei o seu pano e pedi que ficasse, se algo acontecesse precisávamos estar juntos, mas ele apenas sorriu para mim, disse que não importava o lugar, ele acabaria sempre por me achar e se afastara. Não lembro por quanto tempo nós ficamos presas no centro daquele redemoinho de horrores enquanto os nossos filhos, sobrinhos e maridos eram destroçados por armas. A pintura sobre os nossos rostos havia sido desfeita pelas lágrimas, o nosso medo exauria dos nossos corpos e ameaçava nos sufocar como o ar cheio de areia desse lugar. As motas zumbiam e os motoqueiros zumbiam junto. Então eu vi o seu pano voando solto no ar. Os símbolos da nossa família manchados com sangue vermelho brilhante. E ele balançava grogue, quase caindo enquanto tentava chegar até mim. Eu

soltei-me das mulheres que tentaram agarrar-me. Puxei a navalha da cintura de uma delas e corri como nunca.

Kalei havia sido ferido na coxa. Poderia ser um ferimento simples, mas eu sabia que o seu problema impedia que parasse de sangrar e eu não estava na posse de nenhum dos seus remédios. Um kukano aproximou-se de mim. As suas cicatrizes tribais brilhavam sob a pele. Enfiei a arma no seu pescoço e o joguei com um chute para longe, depois corri até o meu marido. Ele estava ajoelhado sob a areia, o peito demasiado acelerado. Ele ainda conseguiu sorrir ao ver-me. Lembro de ter rezado novamente, dessa vez que os deuses nos levassem para uma era em que não haveria mais aquele tipo de violência, um lugar no qual os nossos corpos pudessem perecer pela brutalidade do tempo e só. Por toda a eternidade, ele disse para mim, tocou os meus lábios com os dedos manchados de sangue e caiu imóvel no chão. Sem pensar duas vezes, passei a navalha pelo meu pescoço e deitei-me ao seu lado. Ignorando a dor que estranhamente me acolhia com certa brutalidade e, ao mesmo tempo, com a

amabilidade de uma velha amiga saudosa por ver-me. A morte era algo familiar para nós. Morrêramos tantas vezes que agora simplesmente era como dar um mergulho num rio fundo e nadar de volta depois. Logo logo eu voltaria para a superfície sugando todo o ar ao meu redor, voltando a vida. Lembro que alguém me virou, o rosto preto e dourado do meu marido foi substituído pelo sol brilhando forte no horizonte e o físico familiar do meu filho menor, aquele que eu havia dado à luz com esse corpo. Ele rasgou o seu pano e usou para comprimir o ferimento. Tentei dizer não, mas falar era como engolir brasas de carvão. Tentei afastá-lo, mas não tinha forças suficientes.

Naquela tarde eu não morrera com o meu marido como fizéramos tantas outras vezes ao longo das eras. Guardas fronteiriços vieram ao nosso auxílio e salvaram a vida dos remanescentes, inclusive a minha. Naquela noite eu perdera a única pessoa que realmente amei de verdade.



Casei novamente com outro homem da tribo, Ngoogo era seu nome. Um homem bom. Eu Era jovem demais e não estava habituada a solidão. Não tirei a minha vida porque sabia que isso só complicaria ainda mais as coisas. Kalei e eu nunca tivemos intervalos tão longos entre vida e morte. Então o meu filho nasceu, e eu estava disposta a esquecer tudo: Kalei, nossa imortalidade, nossas vidas passadas e sufocá-las dentro de mim como todas as outras palavras que tentava pronunciar.

Após a dor do parto, era como se tivesse renascido, num corpo velho, mas ainda assim numa vida totalmente nova, então segurei o bebê e os nossos olhares se encontraram e embora ele não pudesse ver-me, eu via-o a ele. E era horrível o que eu via.

Deuses Não queria acreditar, não podia ser. Entreguei a criança para a parteira, decidida a não acreditar naquilo. Mas eu conhecia-o tão bem, vira o seu espírito se manifestar em tantos corpos que simplesmente passara a enxergar isso e não a sua forma física. Eu sabia bem no fundo que sim. Quis gritar como nunca, quis possuir voz para tal ato. A cubata

parecia estar a encolher e ameaçar esmagar-me. Eu havia dado à luz a Kalei, meu antigo marido.

Ngoogo se aproximara da esteira e colocou o pano com que me comunicava sobre o meu peito.

– O que foi minha agaba?

Apontei para o símbolo que significava desculpa.

– Por quê? Não tem nada que se desculpar. É um menino saudável, é tudo que sempre quis.

O seu rosto estava mais escuro que o habitual. Quando sentira os primeiros sinais de que o bebê iria sair, eu chamei-o e pintara o seu rosto com as cores da deusa da maternidade. O preto com linhas oblíqua finas de laranja-esperança. Ele não parara de rir e dizer-me o quanto estava emocionado. Agora o que ele faria se eu contasse quem era o espírito que habitava o corpo do seu filho?

Perdoe-me. Mostrei. Só me perdoe.

Ele afagou as minhas tranças e beijou o meu

rosto.

– Descanse apenas. – e saiu com o nosso filho... com Kalei.

Sempre pensara que a nossa habilidade era uma dádiva proporcionada pelos deuses que ao presenciarem o nosso amor haviam nos permitido preservá-lo para toda a eternidade. Nunca passou pela minha cabeça que algo assim poderia acontecer. Depois disso comecei a questionar se o que tínhamos eram realmente dons ou se não passavam de maldições.



As coisas foram a piorar a medida que ele crescia. Os nossos espíritos não se lembravam dos seus eus antigos de uma hora para outra, era um processo gradual e demorado. Eu sabia que tinha até a adolescência de Simbi, como eu o havia chamado, até que a personalidade de Kalei fosse totalmente restaurada e eu não conseguisse mais resistir a sua atração. Eu

precisava arranjar uma solução para aquilo. Mas enquanto isso, Simbi continuava a agir de um jeito que eu sabia que ele próprio não entendia. Quando eu o dava de mamar, os seus olhos não se desviavam dos meus. O seu toque arrepiava-me e por mais que eu tentasse mantê-lo afastado de mim, as pessoas o traziam sempre de volta. Elas começaram a falar sobre a minha aparente apatia para com o meu filho homem e saudável, duas coisas que eram muito difíceis de se conseguir atualmente. O meu filho que havia salvado a minha vida aparecera certo dia em casa e contara sobre o que ouvira a meu respeito.

– Claramente eu não acreditei, sou seu filho e sei que você não dá nada além de amor e carinho – Disse. – As mulheres daqui só estão com inveja.

Eu sorri para ele. Agora tinha uma barba espessa e suas pinturas possuíam traços femininos. Era um homem feito. Com sua própria família. Meu filho não me lembrava Kalei, nenhuma das nossas proles era parecida connosco, pelo menos não com a visão que tínhamos de nós mesmos, dos

nossos primeiros corpos.

– Você parece pensativa – Falou.

Estou a pensar no seu pai. Mostrei. O que acharia se ele tivesse retornado?

– Do mulumbi? Os nossos ancestrais não deixariam ele sair do mundo dos mortos, mãe, a senhora sabe disso.

Tu sabes tão pouco, meu filho, invejo a sua inocência. Mas não respondeu a minha pergunta.

– E preciso mesmo? Meu pai era um homem bom e inteligente, ele morrera tentando salvar as nossas vidas e fora acolhido pelos ancestrais nas raízes da nossa família, sair de lá significaria a degradação da nossa ancestralidade. Nunca faria isso, e se por acaso alguém dissesse ser ele, eu o arrastaria até ao homem do chicote, e diria que apanhara um feiticeiro.

Eu me encolhi com a menção do homem do chicote. Havia-me esquecido completamente que poderiam acontecer com qualquer um que possuísse o que nós possuíamos.

Tem razão.

Ouvimos gritos na cubata e Ngoogo saiu a pressas gritando meu nome e carregando Kalei em seus braços.

– Adawa! Adawa. Ele disse a primeira palavra, ele disse a primeira palavra – Nós nos levantamos da esteira.

– O que ele disse? – Meu filho perguntou.

– O nome de alguém, eu acho, não conheço, mas parece um nome. Precisamos começar os preparos para a comemoração, sua vigésima quinta lua aqui na terra.

Kalei ergueu as mãos e balbuciou sons mostrando que queria ser pego por mim. Eu o recebi em meus braços e senti o calor de seu corpo minúsculo sobre o meu. Eu o abracei forte, desejando, por momentos, que tudo isso fosse uma ilusão e o antigo Kalei estivesse ali quando voltasse a abrir os olhos. Queria beijá-lo, sentir seus músculos, senti-lo e depois ouvir seu coração bombeando sangue. Mas não estava, não podia fazer nada daquilo que imaginava? O que pensar dessas coisas sobre

meu próprio filho me tornava?

– Qual foi o nome que ele dissera. Meu filho questionara por fim, retirando-me de meus devaneios.

– Ele disse: Ayuma.

Meu coração disparou.

E la estava a dura realidade se manifestando. Afastei a criança de meus ombros e a encarei. Ayuma Humbi era meu antigo nome, meu primeiro nome. O que estava acontecendo? Não era suposto ele recuperar as memórias tão cedo. Ele tocou meus lábios e meu queixo, fazendo o que parecia ser uma carícia, mas nos gestos nada suaves de um bebê. Deuses! Ele já tinha consciência de quem eu era realmente.



As investidas tornaram-se mais frequentes quando ele completou dez anos. Simbi não respeitava seu pai, ou nossa privacidade como

marido e mulher. Ele o olhava feio, tecia comentários sobre sua idade ou sua competência. Usava seu conhecimento de milênios e mais milênios para o envergonhar em qualquer área. Um dia o confrontei.

O que está fazendo? Quer ser descoberto?

– Não sei do que você está a se referir, mamã.

Pare com isso. Você não fala como uma criança, mostra saber mais que adultos vividos, e olha para sua mãe como se estivesse admirando uma puta, em algum momento alguém vai desconfiar e levá-lo a um quinbandeiro.

Ele olhou para mim enquanto meus dedos pulavam de um símbolo para o outro; os olhos tristes por pena.

– Seria tão fácil se livrar dessa deficiência, Ayuma. De nossa deficiência. Poderíamos fazer isso juntos – Ele segurou uma faca que estava sob a mesa.

– Poderíamos voltar ao que éramos – Ele se aproximou e passou os dedos pelos meus lábios, como sempre o fizera, mas agora o

gesto me deixava nauseada.

Não tem mais volta, mostrei. Não após dar à luz a meu antigo marido.

– Antigo? Engraçado. Acha mesmo que uma vida e um erro apagarão milênios de amor?.

Uma vida não: nove luas. O tempo que você ficou na minha barriga. Amo meu filho e você é meu filho. É só esse o tipo de amor que você irá receber.

Ele apertou a faca sobre o punho.

– Fomos feitos um para o outro Ayuma, para toda a eternidade, lembra? Somos deuses entre os mortais, e somos singulares. O que fará quando essa sua birra idiota te aborrecer, quando seu corpo perecer e renasceres sem nenhum deles vivos?

Não sei.

– Eu sou o único que te entende. Sou o único que vai entendê-la daqui a centenas de anos. Não rejeite isso, ouviu, não rejeite isso ou vai se arrepender.

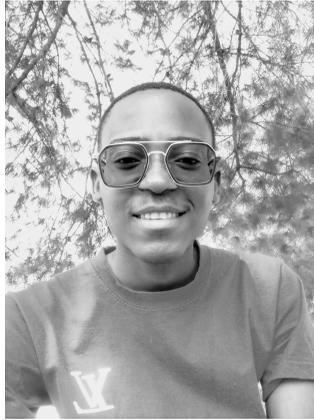
Ele estava próximo demais agora, pisando

sobre o pano de símbolos e com a faca erguida em minha direção. Eu não conseguiria mostrar símbolo algum. Então toquei seu rosto, desfazendo a pintura perfeita que ele próprio havia feito e o beijei na testa. Eu não poderia mais dar a ele o que queria. Sequer poderia dar a mim mesma o que parte de mim queria. Nossa história de amor acabara quando ele fora morto no Namibe. E embora eu não consiga esquecê-lo, esquecer tudo o que fomos e somos, agora um novo laço havia se formado e esse era intransponível para mim, uma mãe, fosse qual fosse o corpo que habitássemos, parte dele agora era minha.

Ele percebeu a negação em meus olhos. Aproximou demais a faca sobre a cicatriz em meu pescoço. Seus dedos tremiam e a pintura de seu rosto se enchia de pequenas rachaduras. Gritou de raiva e me soltou, cravando a faca sob a mesa e se afastou.

Não olhou para trás e eu nunca mais o voltei a ver. Em nenhuma outra vida.

Sobre o Autor



AC Lukamba nasceu em Viana, Luanda (Angola). Estudante universitário de Enfermagem. Publicou Histórias Fantásticas de Uma Terra Longínqua (2022), vencedor do Livrolândia Awards 2022 na categoria Melhor e-book de Fantasia e a 2ª edição da Era da Literatura (2022) na categoria Fantasia .

Contactos:

e-mail: aclukamba2002@gmail.com, whatsapp:
+244 937296514

Leia mais histórias do autor...



Histórias Fantásticas de Uma Terra Longínqua é uma coletânea de cinco contos distintos e ilustrados que exploram o misticismo e o folclore angolano, levando o leitor por trilhos sinuosos a uma terra soturna — e a tempos esquecida — sob o olhar condicionado de cada personagem.

Cada uma delas é obrigada a confrontar seres sobrenaturais, e o trauma gerado por essa interação, bem como suas próprias convicções, enquanto observam a beleza da infância transformar-se na inexorável responsabilidade da vida adulta. Essa é uma viagem cheia de nosso passado, nossa identidade e acima de tudo: de nossa infância.

Vencedor do Livrolândia Awards 2022.

Baixe gratuitamente a partir:

<https://drive.google.com/file/d/1sy45g4tSO2vaK7QGhzmtYJzFsWHM1f7z/view?usp=drivesdk>

OU

